

A interlocução da política anti-inflacionária com o público: metáforas e analogias no discurso de Mário Henrique Simonsen

RESUMO

Estudos de retórica têm enfatizado a importância de metáforas e analogias nos discursos em economia. Contudo, no Brasil, apesar do uso desses instrumentos literários serem comuns e da discussão de retórica em economia ser disseminada em círculos de estudos de metodologia, poucos estudos se concentraram nos tipos de metáforas usadas por economistas para descrever seus objetos de estudo. Da descrição da inflação como um dragão a ser combatido ou uma doença a ser curada por um “tratamento de choque” (uma política “cold turkey” – outra metáfora em si mesma que mostra que traduções nem sempre são fiéis), a análise de metáforas traz à tona o fato de que algumas ideias são universais enquanto outras são específicas no tempo e no espaço. Este trabalho tem o objetivo de analisar as metáforas e analogias usadas por Mário Henrique Simonsen, um dos mais importantes economistas brasileiros na segunda metade do século XX e frequente usuário de instrumentos literários. É analisado como isso influenciou a linguagem no debate em vários aspectos durante aquele período.

Palavras-chave

Metodologia; Metáforas; Retórica; Inflação; Simonsen.

ABSTRACT

Studies of rhetoric have often emphasized the importance of metaphors and analogies in economic discourse. However, in Brazil, whilst the use of such literary tools is commonplace and the ‘rhetoric in economics’ debate is widely disseminated in methodology research circles, few studies have focused on the kinds of metaphors used by economists when describing the objects of their studies. In describing inflation as a dragon that needs to be slayed or as a disease that needs to be cured using “shock treatment” (a “cold turkey” policy, in itself a metaphor that shows how translations are not always faithful), an analysis of metaphors raises the point that some ideas are universal while others are specific to time and space. This article is aimed at analysing the metaphors and analogies that were used by Mário Henrique Simonsen, one of the most important Brazilian economists in the second half of the 20th Century and a regular user of such literary tools. This work analyses how such literary mechanisms helped influence the language of the debate on a variety of different issues during that period.

Keywords

Methodology; Metaphors; Rhetoric; Inflation; Simonsen.

1. Possui graduação em Ciências Econômicas (2007), mestrado (2010) e doutorado (2012) em Economia pela Universidade de Brasília. Atualmente é professora adjunta da Universidade de Brasília.
2. Graduado em Ciências Econômicas na Universidade de Brasília (UnB).

Introdução

O uso de recursos linguísticos marcou o debate de inflação tanto na esfera acadêmica quanto na esfera jornalística. Expressões como dragão da inflação, inflação galopante, inflação crônica dominaram o discurso de economistas e leigos por várias décadas do século XX no Brasil. Muitas vezes essas expressões foram utilizadas deliberadamente para tentar tornar o conteúdo científico mais claro para a sociedade e explicar a complexidade da situação pela qual passava a economia brasileira.

Esse foi o caso do discurso de Mário Henrique Simonsen, um dos grandes estudiosos do processo inflacionário no Brasil, e que, seja por meio de trabalhos acadêmicos técnicos ou por colunas em jornais e revistas que buscavam o alcance do grande público, tentou, ao longo de sua carreira, convencer seus pares e interlocutores da necessidade de se tomar medidas adequadas para controlar esse processo, que ameaçava a estabilidade da economia brasileira.

O objetivo deste artigo é analisar o discurso de Mário Henrique Simonsen, argumentando que sua escolha de palavras não era casual, mas estava associada a uma visão ortodoxa da economia. A intenção dele era convencer seus interlocutores de que a inflação era um processo nocivo, com consequências sérias e negativas, e que deveria ser combatida mesmo sob pena de grandes sacrifícios. Sua proposta de convencimento ia além dos membros da academia brasileira – sua estratégia era voltada para o grande público, para o convencimento das massas, buscando a transformação de sua visão teórica em política pública de fato.

Por esse motivo, ele se destaca entre os economistas, já que sua discussão não se limitava ao pequeno círculo de acadêmicos. Tal contribuição, entretanto, não recebeu atenção da literatura. Apesar de alguns estudos de retórica na economia, estes se limitam a analisar, em sua maioria, o discurso e seu impacto na academia, sem observar os possíveis efeitos reais sobre a formulação de política ou a opinião pública. Nesse sentido, este artigo contribui, assim, de duas formas: i) por um lado, pela análise específica do discurso de Mário Henrique Simonsen; ii) por outro, por considerar, pelo que o caso peculiar analisado proporciona, os possíveis efeitos práticos da retórica na condução da política econômica brasileira.

O trabalho de Paulani (2006) tangencia essa visão ao analisar como a retórica foi utilizada pelo neoliberalismo – a autora argumenta que, por ser normativo e prescri-

tivo, ele prescinde da ciência econômica.³ Simonsen não chega a esse estágio – sua busca por convencimento se dá nos dois mundos, já que ele entende que convencer apenas os pares não é suficiente para definir a política econômica. Além disso, observa que discutir com leigos exige uma linguagem diferente, mais emocional e humanizada. Dessa forma, este trabalho, ao empreender essa análise de discurso, pretende contribuir para a literatura ao também enfatizar a visão entre alguns economistas como Simonsen de que a distância entre essa classe e o público mais amplo é causa para a dificuldade de execução de determinadas políticas, e que a articulação entre as duas esferas deve receber mais atenção de historiadores econômicos para melhor compreensão do processo de condução da política econômica no Brasil.

Este trabalho se divide em cinco seções além desta introdução. A primeira seção discute o estudo da retórica e da linguagem na economia, enquanto a segunda trata especificamente da linguagem utilizada na discussão sobre a inflação. A terceira seção discute a intermediação de linguagem entre o economista e o público mais amplo; a quarta apresenta os recursos de linguagem utilizados por Simonsen. A quinta traz os comentários finais.

O estudo da retórica e linguagem na economia

McCloskey (1983) foi a responsável pela disseminação da corrente da retórica na economia. Um dos focos de estudo dessa corrente é a persuasão. No caso da economia, ela estuda como economistas buscam convencer seus pares e os leigos, e engloba o uso de metáforas, estilo de prosa, a relação entre as línguas faladas e escritas e outros instrumentos literários (BACKHOUSE, 1998).

McCloskey argumentou que os economistas usavam métodos literários como mecanismos retóricos, sendo a analogia e a metáfora seus principais instrumentos.⁴ Eles permitiam a interpretação de proposições em formas mais familiares e intuitivas de linguagem, intensificando a compreensão.

3. A autora vai mais além: “as pretensões científicas da teoria atrapalham a consecução dos objetivos concretos e práticos da economia capitalista” (PAULANI, 2006, p. 7).

4. A literatura considera ainda vários outros tipos de figuras de linguagem como personificação, hipérbole e paradoxo como instrumentos de retórica (HENDERSON, 1998).

O uso de analogias é comum na língua falada, com o objetivo de se transferir o significado de um termo ao outro, geralmente em sentido figurado. Já na ciência, analogias tendem a ter significado muito mais preciso, em que propriedades de um sistema são transferidas para outro – muitas vezes, adaptando-se modelos de outras disciplinas –, buscando um entendimento mais profundo de estruturas e comportamentos (WALLISER, 1998). Antes de McCloskey, alguns estudos foram realizados sobre o uso de metáforas na economia, mas esses foram limitados (HENDERSON, 1998).

De acordo com Boumans e Davis (2010), uma analogia exige transferir o conteúdo de um sujeito (fonte) a outro (alvo), alterando o significado desse último. Seu poder de persuasão depende da similaridade entre os sujeitos e o argumento implícito de que o alvo pode ser entendido em termos da fonte. Uma metáfora seria uma analogia tão bem-sucedida que o conteúdo-fonte se perde ou se torna irrelevante. Já Henderson (1998) define metáfora como uma situação em que o que está dito ou escrito não é aquilo que se quer dizer. Malheiros-Poulet (1995) observa que a metáfora não é arbitrária, no sentido de que permite uma atualização na semântica do termo utilizado.

Em termos lógicos, Boumans e Davis (2010) argumentam que metáforas e analogias envolvem tipos de raciocínios diferentes daqueles envolvidos na racionalidade dedutiva. Essa última se utiliza de axiomas e premissas, de modo que toda inferência já está implícita nesses axiomas e premissas. Com analogias e metáforas, o tipo de inferência seria diferente – seria introduzida novidade na explicação do sujeito-alvo pela atribuição do conteúdo da fonte ao alvo (BOUMANS; DAVIS, 2010).

Dessa forma, para Boumans e Davis (2010), considerar que metáforas e analogias seriam formas de inferência indutiva, mas uma forma especial de indução ao tratar coisas diferentes como tendo similaridades. Assim, para eles, “podemos dizer que o que diferencia esses dois tipos de inferência indutiva é que a forma-padrão não produz um novo entendimento, somente generaliza, enquanto a analogia e a metáfora produzem um novo entendimento”⁵ (BOUMANS; DAVIS, 2010, p. 161).

Já na opinião de Walliser (1998), uma analogia primeiramente relaciona duas entidades estranhas ao estabelecer uma correspondência um para um entre alguns dos

5. Tradução nossa. Do original: “We may say that what distinguishes these two types of inductive inference is that the standard form does not produce novel understanding, but only generalizes, whereas analogy and metaphor produce novel understanding.”

seus respectivos atributos, e então expande essa correspondência ao respectivo fenômeno que liga esses atributos. Pode-se dizer ainda que, para o mesmo autor, uma analogia é pedagógica se tenta popularizar um modelo ao apelar à intuição, ou usar a ilustração de outro campo.

No Brasil, o estudo da retórica foi particularmente popular (ARIDA, 1983; REGO; GALO, 1996; PAULANI, 1999; 2006). O trabalho de Paulani (2006) tem especial importância para nossa discussão, pois a autora enfatiza como a retórica pode ser usada para defender uma posição normativa. Sua preocupação é mais ideológica, mas se aplica em nosso contexto, pois chega a mencionar o episódio da hiperinflação, sobre o qual opina que nele “a relação dos economistas entre si e deles com a realidade concreta do país podia ser qualquer coisa, menos uma ‘conversação’ inconsequente” (PAULANI, 2006, p. 16). Apesar de ter gerado uma literatura extensa sobre o tema, Paulani (2006, p. 13) fez um balanço negativo sobre o alcance desse tipo de análise: “os polêmicos debates que gerou não afetaram em nada, nem a forma de se fazer essa ciência na acadêmica, nem sua relação com o mundo externo.”

No trabalho de Simonsen, principalmente naqueles voltados para um público mais amplo, metáforas da inflação aparecem com razoável frequência. Neles, Simonsen demonstra claramente que está tentando ajudar o leitor a entender um conceito considerado difícil, está expressando uma perspectiva de mundo diferente daquelas presentes no código – perceptível sobretudo nas suas críticas a outras escolas econômicas, em geral mais tolerantes com a inflação –, e, claramente, o aspecto político de chamar tanta atenção para a inflação.

Apesar dessa discussão, pouca atenção foi dispensada à relação entre o discurso dos economistas e a receptividade dos leigos à fala dos economistas e às consequências práticas dessa discussão teórica a partir dessa relação. Essa preocupação de adequação de linguagem à audiência é tratada por Lessa e Earp (2007), que, sem citar a visão de retórica, contextualizam a ideia de sobrevivência de uma corrente teórica, pelo seu sucesso no debate econômico, gerando graus diferentes de especialização de linguagem, desde um nível de alta complexidade, até “a versão massificada, que expõe os problemas na forma hipersimplificada destinada à compreensão do grande público [...] que se envolve nos debates políticos de cada momento” (LESSA; EARP, 2007, p. 216).

A linguagem da inflação

A análise de linguagem exige o reconhecimento de que alguns termos são socialmente específicos. Isso significa que nem sempre traduções conseguem ser fiéis ao significado que se buscou trazer em outro idioma. Nesse sentido, pode-se afirmar que metáforas são culturalmente específicas (OLIVERA, 1998). Um exemplo disso é o termo “tratamento de choque” (muito usado por Simonsen, como será discutido adiante), em português, e “*cold turkey*” em inglês – ambas metáforas e ambas referentes ao mesmo tipo de política anti-inflacionária, entretanto com origens distintas.

Apesar dessa especificidade cultural de linguagem, pode-se falar, entretanto, em metáforas universais, que transcendem idiomas devido à proximidade cultural e ascendência comum de muitos países ocidentais (OLIVERA, 1998).

No caso específico do estudo de metáforas sobre inflação, analisando a tradução do capítulo 12 do livro *Economics*, de Samuelson e Nordhaus, para o espanhol, que tratava da definição e dos custos da inflação, Olivera (1998) identificou quatro grandes conjuntos de metáforas:

- i. A inflação é um organismo.
- ii. A inflação é um cavalo.
- iii. A inflação é uma doença.
- iv. A inflação é um inimigo.

Os conjuntos identificados por Olivera (1998) partem do princípio de que a inflação é uma entidade. Lakoff e Johnson (1980), ao tratarem do uso de metáforas, as distinguem em metáforas estruturais, ontológicas e orientacionais. Para a inflação, por exemplo, trata-se de metáforas ontológicas, ou seja, conceitos não físicos – a própria inflação – são entendidos como substâncias a partir da experiência com objetos físicos. A personificação é o exemplo mais claro de metáforas ontológicas: seres inanimados ganham corpo e vida (nosso maior inimigo é a inflação, por exemplo). Marx fez isso em *O capital* (fetiche do capital); Simonsen e tantos outros, ao falar da inflação, fazem o mesmo.

Como será evidenciado adiante, essas categorias são aplicáveis ao discurso de Simonsen, pelo seu apelo universal. Entretanto, algumas especificidades emergirão, tanto da realidade brasileira quanto do discurso próprio do autor.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), pode-se afirmar que essas metáforas já são metáforas “convencionais”, no sentido de que elas se estruturam no sistema conceitual acerca da inflação do dia a dia, pois já fazem parte da nossa linguagem do cotidiano. Apesar de aparentemente universais, metáforas podem ser apropriadas, pois têm um conteúdo em parte culturalmente determinado, ligado a experiências passadas, já que culturas diferentes têm estruturas conceituais diversas moldadas por realidades diferentes.

No Brasil, o uso de metáforas e analogias para se discutir inflação não se limitou à esfera acadêmica, pois essa foi uma discussão que, ao longo da década de 1970 e 1980, esteve muito presente em veículos de comunicação, inclusive com a participação de economistas, como Simonsen, com suas colunas semanais na revista *Exame*, por exemplo.

Weinsten (1992), tratando da experiência norte-americana, descreve como alguns anos antes economistas se mantinham distantes da mídia e não sabiam se comunicar com o público por meio desta. Segundo ele, no início da década de 1990, essa realidade já teria se modificado, pois jornalistas já teriam a sua disposição, sempre que necessário, comentários sobre as mais diversas questões em linguagem acessível. Há evidência anedótica, no entanto, de que a situação no Brasil é um pouco diferente, com a participação ativa de alguns economistas na mídia. No entanto, mesmo no caso brasileiro, há alguns economistas que se destacam, como Simonsen ou Luiz Carlos Bresser-Pereira, que, pela trajetória respeitável tanto na academia quanto no governo, têm entrada facilitada nesses canais de acesso ao grande público, com colunas frequentes, trazendo o diálogo econômico restrito à academia ao grande público. Alguns, no entanto, como Malheiros-Poulet (1995), ainda enxergam o papel do jornalista como necessário para intermediar o discurso mais técnico do economista e do público mais leigo. Essa forma de pensar difere, por exemplo, da visão de Lessa e Earp (2007), já que esses acreditam que os economistas são capazes de alterar seu discurso de acordo com seu público.

Malheiros-Poulet (1995) analisa a linguagem adotada pela revista *Veja* entre 1986 e 1990. Segundo ela, haveria três matrizes para a compreensão da inflação (Quadro 1).

Quadro 1 | Compreensão da inflação a partir da linguagem

AGENTE	DESCRIÇÃO
Visão dos Especialistas	Linguagem especializada – ministros e economistas. “Termo científico e técnico adquire seu valor específico somente no discurso entre especialistas.”
Visão da Imprensa	Midiatização entre o sentido dos especialistas e o sentido vivido pela população. “A imprensa transforma a informação para exagerá-la ou para simplificá-la. A difusão do fenômeno inflacionário ocasiona: perda do valor da substância do conteúdo da linguagem técnica especializada; mas ela traduz também o inconsciente coletivo (cf. metáfora do dragão).”
Visão da População	Estima que 30% da população seria consumidora potencial de <i>Veja</i> e experimentaria a inflação por perda de poder de compra, desemprego, instabilidade. A representação seria por meio do “Monstro – medo do irracional.” “O leitor é persuadido do que compreende.”

Fonte: Malheiros-Poulet (1995), simplificado.

Uma das críticas que se podem fazer a essa esquematização é que Malheiros-Poulet (1995) credita o uso de metáforas e persuasão somente à imprensa, mas essas técnicas estão presentes no que ela chama de especialistas, como será demonstrado a seguir. A linguagem técnica também percebia a necessidade de se convencer com as metáforas utilizadas amplamente na sociedade, e essa linguagem era tão difundida que não se pode afirmar que se tratava mais de uma midiatização entre o sentido dos especialistas e o sentido vivido pela população: estava incorporado ao sistema conceitual relacionado ao tema.

De fato, muitos dos exemplos que Malheiros-Poulet (1995) cita de *Veja* nessa época serão bem parecidos com o que se encontrará nos trabalhos de Simonsen: “Como proteger seu dinheiro” (06/08/1986) e “Um guia para enfrentar a inflação” (31/08/1988), ligadas à metáfora de inimigo; “A agonia do Cruzado” (10/01/1990) e “O choque do Verão” (18/01/1989) e “Cirurgia sem dor... Cortes no orçamento” (24/08/1988,) para a metáfora de doença já mencionada.

No Brasil, a metáfora mais conhecida talvez seja a metáfora do dragão: “O monstro está solto” (13/05/1987) e “O dragão irado” (28/12/1988), por exemplo. Malheiros-Poulet (1995) observa que a cauda do dragão é muitas vezes utilizada para representar a curva da inflação. Além disso, haveria um espaço para o sincretismo religioso, já que a figura de São Jorge também seria comumente repre-

sentada combatendo o dragão, dando espaço para as metáforas “macumba econômica” e “vodu de preços”.

Na opinião de Malheiros-Poluet (1995, p. 105), “a inflação é, pois, percebida como um elemento externo à política governamental, que se esforça em combatê-la. Mesmo quando é dito explicitamente que o culpado da inflação é o governo, há sempre referências a fatos passados (governo militar) ou futuros (Collor). O papel negativo do governo é sempre ocultado. Esse tipo de metáfora dá-lhe uma ampla liberdade de ação”.

Os recursos de linguagem utilizados por Simonsen

Simonsen utiliza recursos linguísticos como metáforas, analogias e até mesmo piadas em praticamente todos os seus textos. No entanto, a frequência com que esses recursos são utilizados varia de acordo com o público-alvo do trabalho, de forma bastante consciente. Ele utiliza as metáforas principalmente naqueles textos mais descritivos e mais acessíveis ao público menos versado em matemática e estatística, mesmo em livros voltados para o público especializado. Parece haver uma preocupação clara com o convencimento, mas em especial com a linguagem adequada a cada público e veículo.

Em artigos mais técnicos, o uso desses recursos é bem mais escasso, ou então o tipo de metáfora utilizada se restringe àquelas mais comumente adotadas pela literatura, como se o autor buscasse não introduzir, neste tipo de artigo, uma linguagem mais informal. Esse é o caso, por exemplo, dos capítulos centrais do livro *Gradualismo X tratamento de choque*, dos seus livros didáticos *Dinâmica macroeconômica*, seus livros de macroeconomia e microeconomia, além de artigos que envolviam modelagem. Nesses casos, quando ocorrem, as metáforas são geralmente como advérbios e adjetivos e não necessariamente particulares à linguagem de Simonsen (como exemplos, podemos citar a inflação galopante, a realimentação da inflação, entre outros).

Já em artigos que buscam um público mais amplo, mesmo em trabalhos acadêmicos, como os capítulos do livro *Gradualismo X Tratamento de Choque*, em trabalhos com maior descrição de dados e sem modelos matemáticos, ou ainda em suas colunas

de revista, o uso de metáforas e analogias é mais intenso e condizente com uma maior informalidade.

Essa escolha de linguagem parece ser deliberada. O tema comum da maior parte dos artigos de Simonsen sobre a inflação é que esta é um mal que deve ser combatido, uma doença que deve ser curada – não é à toa, portanto, que das quatro categorias acima, as duas últimas são as mais utilizadas por ele. Sua insistência em uma semântica pertinente à mensagem que busca transmitir mostra a escolha deliberada de palavras e a preocupação com o convencimento do interlocutor.

E ele mesmo admite isso ao descrever sua abordagem em *Gradualismo X tratamento de choque*:

Embora o problema da inflação seja do interesse do grande público, a análise pormenorizada dos fatos ocorridos entre 1964 e 1969 dificilmente pode ser desenvolvida sem certa mistura da linguagem matemática com o jargão hermético dos economistas. Para atender aos dois grupos de leitores, o presente trabalho adotou uma vestimenta híbrida. Os dois capítulos iniciais (baseados em artigos do autor para as publicações da Apec) e os dois últimos usam a linguagem corrente acessível a uma audiência bastante ampla. Os capítulos centrais, relativos à teoria da inflação e à sua aplicação ao caso brasileiro, apelam para uma linguagem menos popular e que se dirige predominantemente aos profissionais e estudiosos da economia. (SIMONSEN, 1970, p. 7-8)

Antes de prosseguir com a análise da linguagem específica,⁶ um último comentário. Curiosamente, durante a leitura, em momento algum foi visto Simonsen utilizar a metáfora mais significativa do processo inflacionário brasileiro: o dragão da inflação.

O primeiro caso, da inflação como um organismo, passaria a ideia de que a inflação é um ser, uma entidade autônoma, independente. Os exemplos que Olivera (1998) cita de Samuelson são: “*we are living in the age of inflation*”; “*inflation is as old as a market economy*”. Em relação a esse primeiro tipo, nos textos de Simonsen, o tipo mais comum é a própria ideia da inflação como um organismo que se realimenta, presente em toda a sua obra. Por exemplo,

6. Os exemplos citados não pretendem esgotar a análise de linguagem, mas apenas exemplificar.

- i. “A inflação, no Brasil, se realimenta por decreto.”⁷
- ii. “Menos a política salarial e a Previdência Social. A primeira mantém-se firme para realimentar a inflação e agravar o desemprego.”⁸

Entretanto, outros exemplos que fogem a essa questão da realimentação podem ser apresentados:

- iii. “Na realidade, o *combate à inflação* envolve dois grupos de medidas. O primeiro consiste em *retirar seu oxigênio*, a expansão monetária e os déficits fiscais.”⁹
- iv. “A eutanásia da inflação por reformas monetárias não constitui novidade.”¹⁰
- v. “Se for excessivamente rápida, a inflação ressuscitará sob a ignição do excesso de demanda.”¹¹
- vi. “O inercialismo lembra que, após um processo inflacionário crônico, os agentes econômicos aumentam salários e remarcam preços por reflexo condicionado, abrindo apreciável espaço para a *inflação anaeróbica*.”¹²
- vii. “Limitando a emissão de moeda, o Banco Central corta o *fôlego da inflação*.”¹³

O segundo, da inflação como um cavalo – a ideia da “inflação galopante” –, é bem difundido na literatura e imprensa brasileiras e também está presente na obra de Simonsen em vários momentos, como em *Gradualismo X tratamento de choque* e em suas colunas da revista *Exame*, entretanto sem grandes variantes.

Já o terceiro, da economia como uma doença – “níveis de severidade diferentes”; “*virulent strains of inflation*”¹⁴ – foi bastante utilizado por Simonsen, fazendo parte de seu argumento central de que a inflação é um mal a ser curado. Essa categoria e a próxima, de que a inflação é um inimigo, são amplamente utilizadas, ocorrendo,

7. Anatomia da estagflação. *Simposium*, ano 2, n. 24, fev.-mar 1984.

8. Ensaio de futurologia para 1982, *Veja*, n. 696, 6 jan. 1982.

9. Anatomia da estagflação. *Simposium*, ano 2, n. 24, fev.-mar. 1984.

10. As experiências de prefixação. *Carta Mensal Convenção*, abr. 1984.

11. O Cruzado e a política monetária. *Carta Mensal Convenção*, mar. 1986.

12. Monetarismo X Inercialismo. *Carta Mensal Convenção*, abr. 1986.

13. A Terceira Lei de Newton fornece a solução. *Exame*, ano 21, n. 9, 03 maio 1989.

14. Os exemplos que Olivera (1998) cita de Samuelson.

esporadicamente, até em textos mais técnicos. Nesse caso, expressões como “inflação crônica” são recorrentes. Como outros exemplos, temos:

- viii. “Diga-se de passagem, a tolerância de muitos sindicatos das classes produtoras, *viciados pelas práticas inflacionárias* [...]” (SIMONSEN, 1970, p. 32)
- ix. “A URV nasceu segundo o mesmo princípio: os agentes econômicos, *viciados pela inflação* de 40% ao mês do cruzeiro real.”¹⁵
- x. “[...] *sintomas claros de uma inflação* que avança mais depressa do lado dos custos que da procura.” (SIMONSEN, 1970, p. 32)
- xi. “[...] degeneram na tentativa de esconder o processo inflacionário pelos seus *sintomas*.” (SIMONSEN, 1973, p. 21)
- xii. “[...] foi delineada no *diagnóstico da inflação brasileira* [...]” (SIMONSEN, 1970, p.41)
- xiii. “[...] *um exame da inflação* no Brasil não pode prescindir de cuidadoso diagnóstico.” (Simonsen, 1979a, p. 4)
- xiv. “A primeira é a *terapêutica infalível* para a inflação de demanda.” (SIMONSEN, 1970, p. 79)
- xv. “Se um país começa um programa de estabilização, sua experiência recente deve ter sido a de uma *inflação algo indigesta*.” (SIMONSEN, 1970, p.81)
- xvi. “psicologia inflacionária” (SIMONSEN, 1979b, p. 5)
- xvii. “fenômeno bem menos patológico” (SIMONSEN, 1979b, p. 27)
- xviii. “espasmos de reajuste (SIMONSEN, 1979b, p. 34)
- xix. “Reduzir a inflação é submeter a economia a uma *dieta de emagrecimento*. Um orçamento austero *corta calorias e carboidratos*.”¹⁶
- xx. “E os resultados de janeiro e fevereiro prenunciam que 1984 não deverá ser um ano de moderação dos preços, ainda que se *cumpra a dieta rigorosa* do FMI.”¹⁷
- xxi. “É praticamente impossível *combater a inflação sem efeitos colaterais temporários* sobre o produto e sobre o emprego.”¹⁸

15. É hora de sair de cima do muro. *Exame*, ano 26, n. 9, 27 abr. 1994.

16. Orçamento e política monetária. *Carta Mensal Convenção*, fev. 1982.

17. Anatomia da estagflação. *Simposium*, ano 2, n. 24, fev.-mar 1984.

18. As vicissitudes da política monetária. *Simposium*, ano1, n. 1, mar. 1982.

- xxii. “Em primeiro lugar, há a correção monetária que incentiva o consumo e a que premia a poupança. A *eutanásia* desta última seria o *suicídio inflacionário*.”¹⁹
- xxiii. “Mas esse [baixa de juros] é um *tratamento tóxico* e que a exacerbação inflacionária não tarda de inutilizar.”²⁰
- xxiv. “Pode-se alegar também que, em matéria do receituário do FMI, *pagamos a consulta mas nos esquecemos de tomar os remédios* e, por isso mesmo, estamos na quinta carta de intenções. Sucede que os estouros das metas acordadas com o fundo resultaram de uma inflação além das expectativas e que *se transmitiu* aos encargos da dívida pública.”²¹

Até aqui, percebe-se o uso da semântica de doença sem nenhum objetivo claro. Entretanto, em toda sua obra está a discussão do processo de combate à inflação e seus custos para a sociedade. A ideia seria que medidas diferentes teriam custos diversos relacionados a tratamentos ou receituários diferentes, o que provocaria níveis de dor diversos:

- xxv. “[...] para que o processo de estabilização não envolva excessivas *dores de reajustamento*. *Esse tratamento* representa [...]” (SIMONSEN, 1970, p. 167)
- xxvi. “política anti-inflacionária *indolor*.” (SIMONSEN, 1985, p. 8)
- xxvii. “Em matéria de *combate indolor à inflação*, uma experiência: a das *epidemias hiperinflacionárias* [...]”²²
- xxviii. “*Combater a inflação com o mínimo de sacrifícios é a pedra filosofal* que intriga os economistas e administradores de política econômica. Nunca o assunto foi tão debatido quanto nos últimos dez anos. E nunca *combater a inflação pareceu um problema mundial tão indigesto* quanto nos últimos tempos.”²³
- xxix. “[...] um Governo que pretenda pôr em prática um programa de estabilização deve estar preparado para enfrentar as defasagens politicamente in-

19. Correção monetária e realimentação inflacionária. *Carta Mensal Convenção*, jul. 1982.

20. A encruzilhada. *Simposium*, ano 2, n. 19, set.-ou/ 1983.

21. Anatomia da estagflação. *Simposium*, ano 2, n. 24, fev.-mar 1984.

22. O alcance da política monetária. *Carta Mensal Convenção*, jun. 1981.

23. Orçamento e política monetária. *Carta mensal Convenção*, fev. 1982.

gratas entre a *aplicação dos remédios e a obtenção da cura.*” (SIMONSEN, 1970, p.180)

xxx. “[...] merece *ser tratada* com os ambos os tipos *de remédios* [...]” (SIMONSEN, 1979b, p. 5)

xxxii. “[...] Como baixar a inflação com o *máximo de anestesia?* [...] Se os sacrifícios forem grandes e os resultados pequenos, é provável que a sociedade acabe trocando os administradores. É muito possível que os *novos médicos* não consigam melhores resultados que os antigos, e que o drama repita.” (SIMONSEN, 1979a, p. 3)

Ao longo de sua carreira, Simonsen também vai discutir o papel de políticas de rendas, em especial congelamentos de preços e salários, no combate à inflação. Sua visão era que, enquanto pudessem ser úteis, essas políticas nunca poderiam ser as únicas utilizadas:

xxxiii. “O tabelamento talvez fosse apenas a tentativa de *curar a febre quebrando o termômetro. Guardemos os termômetros, mas tratemos de diagnosticar a febre, para poder curá-la.*” (SIMONSEN, 1979b, p.19)

xxxiiii. “Esses exemplos mostram que em economia há duas maneiras de ver as coisas, a onírica e a pragmática. Os sonhadores imaginam que a *febre cessa quando se quebram os termômetros*: baixam-se os juros porque foram tabelados, e aumentam-se os salários reais por decreto. Os pragmáticos, com mais cautela, julgam que o povo quer mais pão e menos circo.” (SIMONSEN, 1979b, p.34)

xxxv. “Isso sem falar *na troca do índice oficial de inflação*, o que cheirava a mais uma tentativa de *curar a febre quebrando os termômetros.*”²⁴

xxxvi. “[...] a menos que se mude a lei salarial, *a inflação brasileira não pode ser curada rapidamente pelo mais competente dos monetaristas.*”²⁵

xxxvii. “Os inercialistas puros são cientificamente mais honestos, e por isso mesmo mais expostos ao aplauso ou à vaia da evidência empírica. *O Plano*

24. Um pacote embrulhado. *Veja*, n. 900, 4 dez. 1985.

25. Os diagnósticos da inflação. *Carta Mensal Convenção*, jan. 1985.

*Cruzado, no Brasil, foi uma brilhante cirurgia destinada a extirpar o tumor da inflação inercial. O problema é o tratamento pós-operatório, que agora precisa ser cuidadosamente ortodoxo.*²⁶

xxxvii. “Esses trunfos são, sem dúvida, importantes, mas não se deve pensar que o Cruzado dispensa um *cuidadoso pós-operatório*. Não é o caso de imaginar que um *recém-safenado possa desfilar como destaque de uma escola de samba.*”²⁷

xxxviii. “Em 28 de fevereiro o Plano Cruzado foi aplaudido por todo o Brasil como uma *cirurgia brilhante*: tratava-se de romper a inflação inercial, em que os salários e preços subiam a galope porque todos achavam que os demais salários e preços continuariam aumentando na *mesma febre de reajustes e re-marcações*. Cortar a inflação *pela receita ortodoxa da austeridade monetária e fiscal* não era a solução hábil para liquidar com altas de preços de 15% a 20% ao mês, pois os preços poderiam prosseguir numa *corrida anaeróbica*, e que só se conseguiria *estancar depois de muito sangue, suor e lágrimas*, ou seja, de uma vastíssima recessão.”²⁸

xxxix. “É óbvio que, para isso, o congelamento deve limitar-se a um breve período, em que a *cirurgia heterodoxa* é complementada por um *cuidadoso pós-operatório ortodoxo.*”²⁹

xl. “Na realidade, o choque heterodoxo é a anestesia, o ortodoxo, a cirurgia. Em 1986, o *anestesta ficou tão entusiasmado com a sua capacidade de adormecer a inflação que se esquece de chamar o cirurgião*. Torçamos para que, desta vez, o cirurgião efetivamente entre em cena. Seu trabalho certamente será mais árduo do que teria sido no ano passado, pois *qualquer excesso de anestesia pode matar o paciente por choque anafilático. O paciente, inclusive, pode, por tal premonição, resistir à própria anestesia.*”³⁰

xli. “No ano passado, o Plano Cruzado começou a implodir no momento em que o governo acreditou que era possível *combater a inflação pela psicanálise*.

26. Monetarismo X inercialismo. *Carta Mensal Convenção*, abr. 1986.

27. Aproveitando a lição de 1973. *Brasil em Exame*, maio 1986.

28. Ascensão e queda do choque heterodoxo. *Carta Mensal Convenção*, nov. 1986.

29. Ascensão e queda do choque heterodoxo. *Carta Mensal Convenção*, nov. 1986.

30. Pacote de jura de namorado. *Veja*, n. 980, 17 jun. 1987.

O Novo Cruzado começa com uma desvantagem da qual nenhuma culpa cabe ao ministro Bresser-Pereira: *a população anda descrente dos psicanalistas da economia.*³¹

Os dois últimos exemplos desse caso ilustram a oposição entre o gradualismo como método de combate à inflação e “tratamentos de choque”, métodos mais rápidos, e a suposta ineficácia do primeiro:

- xlii. “As principais objeções a essa metodologia³² não eram, evidentemente, de cunho teórico mas psicológico: duvidava-se de que os Governos pudessem ter bastante pertinácia para levar adiante um programa dessa natureza, da mesma forma pela qual *se desconfia dos tabagistas que resolvem reduzir os cigarros aos poucos.*” (SIMONSEN, 1973, p.25)
- xliii. “A aversão nacional ao *tratamento de choque* parece resultar de associações puramente semânticas. Todos gostariam que os preços se estabilizassem de um só golpe, mas a palavra “*choque*” lembra as *convulsões* de um condenado à cadeira elétrica, ou o *remédio que cura a doença matando o paciente*. De fato, os *tratamentos de choque* modernos procuram minimizar os efeitos colaterais da política *anti-inflacionária*, poupando todas essas *convulsões*.”³³

O quarto, a economia como um inimigo, está relacionado com o poder destrutivo da inflação e algo a ser combatido: “*inflation distorts relative prices*”; “*inflation destroys information*”, também é comum nos trabalhos de Simonsen, apesar que de forma muito mais enfática, com a noção de guerra, disputa, combate, muito mais clara. A própria ideia de combate à inflação já faz referência à noção de que essa seria um inimigo.

- xliv. “ameaça inflacionária.” (SIMONSEN, 1970, p.19)
- xlv. “a inflação foi violentíssima.” (SIMONSEN, 1970, p. 32)

31. Pacote de jura de namorado. *Veja*, n. 980, 17 jun. 1987.

32. A metodologia do gradualismo no combate à inflação.

33. Inflação: gradualismo versus tratamento de choque. *Carta Mensal Convenção*, fev. 1986.

- xlvi. “E, em vários pontos da América Latina, brotou uma flora de pensadores “estruturalistas” que procuravam provar que a *inflação violenta era ingrediente* indispensável ao desenvolvimento econômico.” (SIMONSEN, 1973, p. 6)
- xlvii. “Numa economia indexada, *a inflação não se combate com pacotes episódicos, mas com diária luta corpo a corpo.*” (SIMONSEN, 1979b, p. 13)
- xlviii. “[...] *maiores vítimas da inflação*, pela contínua erosão do seu poder aquisitivo.” (SIMONSEN, 1979b, p.29)
- xlix. “Os governantes podem ser *derrotados tanto pela inflação* quanto pelo desemprego, e eu diria até mais, a inflação talvez seja pior, eleitoralmente, do que a recessão.” (SIMONSEN, 1976, p. 35)
- l. “Muitos países do mundo atual, como o Brasil, os EUA e a Inglaterra, *combatem a inflação com uma única arma*, a política monetária. Trata-se certamente do *mais poderoso instrumento do arsenal* anti-inflacionário, no sentido de que a médio e longo prazo há evidente grau de parentesco entre as taxas de inflação e as de expansão monetária.”³⁴
- li. “Pelos padrões internacionais, o passo errado é do sistema brasileiro, que gerou formidável inflação inercial, e que *a política monetária combate com eficiência igual à dos soldados americanos na Guerra do Vietnã.*”³⁵
- lii. “[...] esses foram os princípios da *estratégia anti-inflacionária* adota pelo Governo Costa e Silva.” (SIMONSEN, 1970, p. 43)
- liii. “Coordenando todas as peças do xadrez anti-inflacionário, o Brasil poderia livrar-se do estigma de economia superinflacionária sem sacrifícios do desenvolvimento econômico.”³⁶
- liv. “Mas rapidamente mudaram de opinião com os *disparos gerais dos preços* a partir de março.”³⁷
- lv. “O *arsenal heterodoxo* se resume a quatro instrumentos.”³⁸
- lvi. “Para os heterodoxos, a *Polícia Federal é um agente poderoso de combate à inflação* numa economia de mercado.”³⁹

34. As vicissitudes da política monetária. *Simposium*, ano 1, n. 1, mar. 1982.

35. Um esboço de reforma monetária. *Carta Mensal Convenção*, set. 1984.

36. Os diagnósticos da inflação. *Carta Mensal Convenção*, jan. 1985.

37. As vicissitudes da política monetária. *Simposium*, ano 1, n. 1, mar.1982.

38. A revolução das cobaias. *Exame*, ano 23, n. 473, 20 fev. 1991.

39. A revolução das cobaias. *Exame*, ano 23, n. 473, 20 fev. 1991.

- lvii. “[...] a equipe está conseguindo devolver os cruzados novos bloqueados sem detonar a tão *temida hiperinflação*.”⁴⁰

Nessa temática, observa-se, na discussão de combate à inflação por meio de um choque instantâneo, a ideia de um “golpe”, como por exemplo:

- lviii. “tornar-se impossível combater a inflação de um golpe.”⁴¹
lix. E ainda a possibilidade de amenizar os efeitos nocivos tanto da inflação quanto das crises de estabilização, como se fosse possível negociar uma “convivência pacífica”.
lx. “tal fórmula representa uma tentativa de neutralização dos efeitos inflacionários, isto é, um método de *convivência pacífica com a inflação*.” (SIMONSEN, 1970, p.15)

Essas classificações, entretanto, não esgotam as possíveis categorias que poderíamos elencar para as metáforas listadas por Simonsen. Em outras metáforas, fica clara sua visão de que a inflação é um processo que, uma vez iniciado, dificilmente é contido:

- lxi. “Ainda assim, uma alta de preços da ordem atual, sobretudo tendo que arcar, como custo da quase neutralidade, com um elevado coeficiente de realimentação, *é uma espécie de barril de pólvora sobre o qual estamos sentados*.” (SIMONSEN, 1970, p. 213)
lxii. “Trata-se, em suma, da reprodução matemática da velha piada que assimila *uma pequena inflação a uma pequena gravidez*.” (SIMONSEN, 1973, p. 6)
lxiii. “A mistura monetário-cambial usada pelo Banco Central, a zeragem automática da caixa dos bancos pela compra ou venda de títulos públicos e a indexação diária da taxa de câmbio são *trinitroglicerina inflacionária*.”⁴²

40. O inventário da década perdida. *Exame* (edição especial), 4 mar. 1992.

41. Desindexação e reforma monetária. *Conjuntura Econômica*, v. 38, n. 11, nov. 1984.

42. Fechar não é só uma velha ideia. É tola. *Exame*, maio 1994.

- lxiv. “Nesse ponto a inflação *escorrega como se estivesse patinando no gelo*.”⁴³
- lxv. “*O coquetel explosivo gera equilíbrios inflacionários perversos em que o ajuste das contas públicas e os altos juros reais são necessários para evitar que a inflação se acelere pelas pressões de demanda*”⁴⁴
- lxvi. “*Só que, depois do calote externo, a inflação subiu para a estratosfera, e viemos ladeira abaixo*.”⁴⁵
- lxvii. “Uma hipótese mais remota, mas não de todo impossível, seria a *combustão espontânea da inflação* pela chamada “instabilidade de Cagan” – um fantasma que todo monetarista procura ignorar.”⁴⁶

Observa-se também uma insistência de que, no Brasil, a história do combate à inflação foi um aprendizado coletivo, não só dos economistas, mas da sociedade como um todo, e isso aparece também na linguagem escolhida. Isso é considerado principalmente nas consequências da inflação sobre a eficácia das políticas de estabilização e métodos para driblar a corrosão do poder de compra:

- lxviii. “Os brasileiros, na sua infinita paciência, estão aprendendo a conviver com a URV, esta curiosa espécie concebida nos *laboratórios econômicos* da PUC-Rio. [...]”⁴⁷
- lxix. “E assim, a inflação, aos trancos e barrancos, *nos transforma em banqueiros, bancários, ou pelo menos financistas*.”⁴⁸
- lxx. “O problema é que o fazer para conseguir que a nova moeda seja estável. Depois das incursões heterodoxas da década passada, parece *haver consenso num ponto*: o déficit público é o grande culpado pela inflação. *O consenso é o resultado* de uma analogia muito superficial, déficit é sinal de depravação, e assim deve ser a razão última da inflação.”⁴⁹

43. A URV precisa de algo mais para funcionar. *Exame*, ano 26, n. 3, 2 fev. 1994.

44. O que é que Fernando Henrique pretende. *Exame*, ano 25, n. 25, 8 dez. 1993.

45. O inventário da década perdida. *Exame* (edição especial), 4 mar. 1992.

46. O Plano Cavallo não nos serve. *Exame*, ano 23, n. 4889, 2 out. 1991.

47. O que fazer para evitar a inflação em real. *Exame*, ano 26, 30 mar. 1994.

48. Quanto a inflação custa no Brasil. *Exame*, ano 26, n. 11, 25 maio 1994.

49. Fechar não é só uma velha ideia. É tola. *Exame*, maio 1994.

- lxxi. “Num mundo de doutores em instabilidade de preços, em que todos pudessem ler o futuro da inflação na palma das mãos, essa conjectura se transformaria em realidade.”⁵⁰
- lxxii. “Hoje, déficits bem menores ameaçam levar o país à hiperinflação. Explica-se esse fenômeno com uma resposta bem simples: a inflação é um imposto que se arrecada tanto mais facilmente quanto menos a população entenda do assunto. Há 28 anos éramos principiantes na matéria, e 80% da alta anual dos preços permitia que o governo coletasse 4% do PIB a título de imposto inflacionário. Hoje, somos uma população de mestres e doutores em inflação, conhecendo inúmeros truques para sonegar esse imposto iníquo.”⁵¹
- lxxiii. “De fato, após quatro choques frustrados, duas conclusões se insinuam naturalmente: ou os economistas heterodoxos não sabem combater a inflação ou a sociedade já descobriu que o que se passa no cérebro dos economistas heterodoxos. Ou seja, as cobaias reagem como se fossem os experimentadores, e a única utilidade dos choques é confirmar o comportamento de nossos doutores em heterodoxia econômica.”⁵²

Como uma última classificação, pode-se chamar a atenção para uma visão mecanicista da economia em alguns momentos, às vezes até contemplando um keynesianismo hidráulico. É o caso, por exemplo, do nome de uma das componentes de seu modelo de realimentação,⁵³ a componente de regulação de demanda, que pressionaria a inflação de acordo com pressões de política econômica. Além desse caso, podemos elencar, ligados à análise da inflação, outros casos em que se apelou para linguagem mecânica:

- lxxiv. “A história recente da América Latina mostra que manipular a taxa de câmbio para frear a inflação é pecado mortal que só se expia com muito sofrimento.”⁵⁴

50. O plano Cavallo não nos serve. *Exame*, ano 23, n. 4889, 2 out. 1991.

51. O plano Cavallo não nos serve. *Exame*, ano 23, n. 4889, 2 out. 1991.

52. A revolução das cobaias. *Exame*, ano 23, n. 473, 20 fev. 1991.

53. De acordo com o modelo de realimentação de Simonsen, a taxa corrente de inflação seria explicada por três componentes: uma componente autônoma, exógena; uma componente de realimentação, que introduz a ideia de inflação inercial, e a componente de regulação de demanda.

54. À margem das Malvinas. *Carta Mensal Convenção*, jun. 1982.

- lxxv. “Na realidade, foram apenas *os relógios da inflação que passaram a girar mais depressa*.”⁵⁵
- lxxvi. “Isso não significa que o combate à inflação esteja fadado ao fracasso. Mas o Banco Central tem de pilotá-lo em voo visual, pois as *bússolas e os altímetros* deixaram de funcionar.”⁵⁶
- lxxvii. “O que o ministro Fernando Henrique Cardoso e sua equipe desejam, com a proposta do indexador único, é *desmontar essa máquina de fazer inflação* que é a mistura da atual legislação salarial com a regra de indexação cambial.”⁵⁷
- lxxviii. “Mas da destruição de uma *engenhoca heterodoxa* que sabota qualquer tentativa de combate à inflação.”⁵⁸
- lxxix. “Um primeiro exemplo é fornecido pelos déficits públicos, que até a década de 1980 *foram um dos principais motores da inflação*.”⁵⁹

Por último, podemos chamar a atenção para a sobreposição das classificações, e de muitas outras metáforas, analogias e outros recursos de linguagem utilizados que não se encaixam em nenhuma das classificações propostas, como:

- lxxx. “*São Pedro* continua sendo um caprichoso *agente da desinflação* a curto prazo.” (SIMONSEN, 1970, p.14)
- lxxxi. “Como lembraria Roberto Campos, *uma pequena inflação* (o que não é o caso de uma alta de preços de 20% ao ano) *se assemelha a uma pequena gravidez*.” (SIMONSEN, 1970, p. 14)
- lxxxii. “A política monetária tem o seu ciclo de atuação, que *submete a economia a um purgatório antes de conduzir à Terra Prometida da calmaria de preços*.”⁶⁰
- lxxxiii. “É preciso que as *elites brasileiras se envergonhem da inflação*.”⁶¹

55. A encruzilhada. *Simposium*, ano 2, n. 19, set.-out. 1983.

56. A confiança tem de ser restaurada. *Exame*, ano 22, n. 7, 4 abr. 1990.

57. O que é que Fernando Henrique pretende. *Exame*, ano 25 n. 25, 8 dez. 1993.

58. O que é que Fernando Henrique pretende. *Exame*, ano 25 n. 25, 8 dez. 1993.

59. Uma agenda para o próximo governo. *Exame*, ano 25, n. 20, 28 set. 1994.

60. O alcance da política monetária. *Carta Mensal Convenção*, jun. 1981.

61. O que fazer para dar a volta por cima. *Brasil em Exame*, maio 1993.

lxxxiv. “A taxa de câmbio foi estabilizada e a *inflação desapareceu como por encanto*.”⁶²

lxxxv. “*Como inflação não enche a barriga de ninguém*, muito menos a dos assalariados, a teoria se baseava numa *hipótese indigesta de comportamento irracional dos sindicatos*, e por isso começou a ser gradualmente desacreditada.”⁶³

Considerações finais

A escolha da linguagem, *a priori*, sem influência prática imediata, parece ter uma importância indireta. Ao influenciar a audiência, ela permite ao economista influenciar políticas públicas, moldar o debate em seu favor. Grande parte das metáforas e analogias relacionadas à inflação é negativa, indicando uma predisposição daqueles que as utilizam para adiantar uma agenda em favor de políticas de estabilização, sendo essas metáforas mais uma maneira de convencer principalmente o grande público desse objetivo, favorecendo assim uma visão mais associada à economia ortodoxa.

Ao fazer isso, Simonsen humaniza o problema a ser combatido. Dada a aridez de assuntos econômicos e a distância que a maior parte da população sente desses tópicos seja por falta de conhecimento ou qualquer outro motivo, esse recurso é importante na busca de simpatia pelo problema e engajamento em sua solução.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), o conteúdo verdadeiro relacionado a uma metáfora assume uma importância secundária em relação ao curso de ação que realizará, já que essas definem as percepções e inferências que temos do mundo, as metas, compromissos e planos que traçamos e executamos. No caso de Simonsen, o grande objetivo era tentar convencer a audiência dos efeitos nocivos da inflação sobre a economia, algo que moldou sua carreira e sempre esteve presente em seus escritos. Nesse sentido, a tentativa de humanização de um fenômeno econômico, favorecendo uma visão de política pública específica, buscava ainda validar determinadas ações que, dados os seus custos sociais, possivelmente teriam pouco apoio se não fossem bem argumentadas diante do grande público.

62. Num BC independente, o presidente não tem vez. *Exame*, ano 25, n. 10, 12 maio 1993.

63. A chave do cofre não é bem público. *Exame*, ano 24, n. 23, 11 nov. 1992.

No caso de Simonsen, ao humanizar a inflação de forma tão negativa, ele parece apelar para a ideia de que o combate inflacionário – e pelas vias que ele defende – vai além de uma defesa ideológica ou técnica, é algo de que a própria sobrevivência da sociedade parece depender, já que se trata de uma doença, um monstro, sempre algo tão negativo e impositivo que exige um esforço coletivo do qual não se pode esquivar. Nesse sentido, ele deixa a esfera técnica e se torna político, normativo, nos termos em que Paulani (2006) argumenta. Não são argumentos econômicos que o sustentam – da mesma forma que essa autora trata do neoliberalismo, a teoria aqui o atrapalharia –, mas sim o emocional coletivo em um momento de fragilidade econômica sendo guiado em favor de uma agenda específica. A defesa do consenso, nesse sentido, quanto ao problema e a tentativa de extensão desse consenso às suas soluções, o torna ideológico, e a retórica é seu principal instrumental nesse diálogo.

Referências

- ARIDA, P. (1984) A história do pensamento econômico como teoria e retórica. In: GALA P.; REGO, J. M. (Orgs). *A história do pensamento econômico como teoria e retórica*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- BACKHOUSE, R. Rhetoric. In: DAVIS, J.; HANDS, D.; MAKI, U. (Orgs.) *The handbook of economic methodology*. Cheltenham, RU: Elgar, 1998.
- BOUMANS, M.; DAVIES, J. *Economic methodology: understanding economics as a science*. Basingstoke, RU: Palgrave MacMillan, 2010.
- GRIMM-CABRAL, L. Metáforas e leitura. In: FORTKAMP, M. B.; TOMITCH, L. B. (Orgs.). *Aspectos da linguística aplicada: estudos em homenagem ao Professor Hilário Bohn*. Florianópolis: Insular, 2000.
- HENDERSON, W. Metaphor. In: DAVIS, J., HANDS, D.; MAKI, U. (Orgs.) *The handbook of economic methodology*. Cheltenham, RU: Elgar, 1998.
- JOHNSON, Mark; LAKOFF, George. *Metaphors we live by*. Chicago: Universidade de Chicago, 1980.
- LESSA, C.; EARP, F. S. Mais além do II PND: o Instituto de Economia da UFRJ. In: COELHO, F. S.; SZMRECSÁNYI, T. *Ensaio de história do pensamento econômico no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Atlas, 2007.
- MALHEIROS-POULET, Maria Eugenia. Os processos metafóricos do vocabulário da inflação no Brasil. *Organon*, vol. 9, n. 23, 1995.
- MCCLOSKEY, D. Storytelling in economics. In: NASH, Christopher (Org.). *Narrative in culture*. The uses of storytelling in the sciences, philosophy, and literature. Londres: Routledge, 1990, p. 5-22.

- _____. The rhetoric of economics. *Journal of Economic Literature*, vol. 21, n. 2, p. 481-517, jun. 1983.
- OLIVERA, P. Metaphor and translation: a case study in the field of Economics. In: FERNÁNDEZ, Purificación; BRAVO, José Maria. *La traducción: orientaciones lingüísticas y culturales*. Valladolid: SAE, 1998.
- PAULANI, L. Modernidade e discurso econômico: ainda sobre McCloskey. *Revista de Economia Política*, vol. 19, n. 4, p. 78-95, out.-dez., 1999.
- _____. Economia e retórica: o capítulo brasileiro. *Revista de Economia Política*, vol. 26, n. 1, p. 3-22, jan.-mar., 2006.
- SIMONSEN, M. H. *Inflação: Gradualismo X tratamento de choque*. Rio de Janeiro: APEC, 1970.
- _____. Política anti-inflacionária: – A Contribuição Brasileira. *Ensaios Econômicos da EPGE*, n. 6. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1973.
- _____. *A Inflação brasileira e a atual política anti-inflacionária*. Mimeo., 1979a.
- _____. *Teoria da inflação política anti-inflacionária*. Mimeo., 1979b.
- _____. *Dinâmica macroeconômica*. São Paulo: McGraw-Hill, 1983.
- _____. Contratos salariais justapostos e política anti-inflacionária. *Revista de Econometria*, vol. 5, n. 2, p. 5-32, nov. 1985.
- SOUZA, Ana Cláudia. A metáfora na área econômica. *Revista de Estudos Linguísticos*. Belo Horizonte, vol. 12, n. 1, p. 133-158, 2004.
- WALLISER, B. Analogies. In: DAVIS, J.; HANDS, D.; MAKI, U. (Orgs.) *The Handbook of Economic Methodology*. Cheltenham, RU: Elgar, 1998.
- WEINSTEIN, M. Economists in the media. *Journal of Economic Perspectives*, vol. 6, n. 3, p. 73-77, verão 1992.